

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

18



Ἰσοπέδιον ἔστω τὸ πᾶσι
καὶ τὸ πᾶσι τὸ ἴσον
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

Relativamente a Túlia, Treggiari consegue reunir informação significativa relativamente aos seus três casamentos: conversações e relações familiares, dotes. Mas pouco ou nada sabemos das impressões da própria Túlia acerca do que se passava na sua vida.

Há ainda que destacar o estilo claro, conciso e erudito, aliás característico de Susan Treggiari, neste livro. O mesmo inclui uma cronologia, uma tabela cronológica das principais figuras tratadas, um glossário de termos latinos e um índice remissivo geral e um outro de pessoas e deuses. Seria desejável encontrar um índice de passos citados bem como um *corpus* documental. Mas talvez isso tornasse a edição menos acessível.

Nuno Simões Rodrigues

SUZANNE DIXON, *Cornelia. Mother of the Gracchi*. New York, Routledge, 2007, 95 pp. ISBN 978-0-415-33148-7.

Saído no contexto da mesma coleção que outras biografias dedicadas a mulheres da Antiguidade, este trabalho da historiadora e filóloga australiana Suzanne Dixon centra-se na figura de Cornélia, a filha de Públio Cornélio Cipião Africano, mas mais conhecida como *mater Gracchi*. Esta foi, aliás, a forma por que ela própria terá desejado ser conhecida para a posteridade (p. xv).

O livro pouco extenso de Dixon justifica-se com a escassa informação de que dispomos acerca desta matrona romana. É essa mesma característica que explica também que a A. tenha optado por apresentar uma biografia pouco convencional, ao preterir pormenores, aliás inacessíveis hoje aos historiadores, como a data de nascimento, o ambiente da sua infância ou as vivências do seu quotidiano, e a preferir uma discussão centrada no que é tradição e no que é eventualmente factual, no fantástico e no provável – para utilizar a terminologia da própria A. –, bem como no destino histórico da figura. Este define-se através da construção cultural da sua imagem e da sua recepção, tanto nos autores antigos como nas correntes artísticas e literárias modernas, oscilando entre o cristianismo antigo e as artes românticas. É a estes capítulos que a A. chama sintomaticamente de «The Icon» e «Afterlife». Este termina mesmo com um sugestivo subtítulo: «Cyber-Cornelia». São também estas opções que tornam o livro de Dixon tão interessante e apelativo.

Ainda assim, podemos encontrar aqui uma útil discussão em torno das fontes antigas, designadamente Valério Máximo e Plutarco, bem como das cartas alegadamente autógrafas de Cornélia.

Uma das mais-valias da proposta de Suzanne Dixon é a inclusão de um índice comentado de passos citados (*conspectus auctorum*), que se revela de enorme utilidade para os investigadores, bem como de um índice geral, a que se juntam ainda cronologias, mapas, uma árvore genealógica, figuras ilustrativas da recepção do tema de Cornélia na pintura, uma chave de leitura que chama a atenção para as particularidades da onomástica romana nem sempre acessível a um público mais geral e uma pertinente advertência da autora para estes elementos.

Nuno Simões Rodrigues

KELLY OLSON, *Dress and the Roman Woman. Self-presentation and Society*. New York, Routledge, 2008, 171 pp. ISBN 978-0-415-41476-0.

A grande importância deste estudo de Kelly Olson assenta no facto de ser um trabalho pioneiro, elaborado de forma sistemática e orientado com um método previamente definido, sobre o vestuário na antiga sociedade romana. Isto apesar de os últimos vinte anos terem assistido a um aumento significativo de trabalhos no domínio da História do Traje. A própria A. recorda um medievista para quem a História da Moda «derived its flavoring of economic and social significance only from the easy pickings of literary quotation or from an added dash of amateur psychology» (p. 1). E no entanto, como continua a A., «clothing is important to a society's sense of itself».

Efectivamente, em termos epistémicos, tem-se reconhecido que o traje e o vestuário estão intrinsecamente relacionados quer com aspectos sociais, quer económicos, quer mentais. O vestuário constitui e reflecte uma série de códigos que estão na base da construção das sociedades, identidades e representações. A moda tornou-se mesmo um instrumento fundamental para formar identidades sociais e distinções entre grupos. I.e., o vestuário assumiu desde sempre um papel essencial enquanto indicador de estatuto social. Daí a importância do seu estudo também no âmbito da historiografia.

Durante várias décadas defendeu-se a ideia de que em Roma não existia aquilo que hoje entendemos por «moda», que homens e